



Ceci e o Mistério do Tatu-Bola

De Deo Magalhães



Ceci era uma filhote de quati com o focinho mais curioso de toda a floresta. O seu nariz comprido e ágil estava sempre a fuçar, a cheirar e a investigar cada canto, cada folha, cada galho caído. Ela era amigável, cheia de energia e achava que todo o mundo deveria ser exatamente como ela.



Numa manhã, enquanto fuçava perto de umas pedras, Ceci encontrou o tesouro do dia: uma pequena frutinha silvestre, perfeitamente redonda e de um vermelho tão brilhante que parecia uma joia. "Uau! Tenho que mostrar isto a alguém!", pensou ela, animada. Foi quando ela viu um serzinho diferente, que nunca tinha encontrado antes. Era um tatu-bola, pequeno e com uma carapaça que parecia um mosaico.





O coração de Ceci encheu-se de alegria. Um novo amigo! Com a frutinha na boca, ela correu na direção dele, a sua cauda anelada levantada como uma bandeira. "Oi! Olá! Quer brincar? Olha o que eu achei!", disse ela, com a voz um pouco alta e abafada pela fruta.



Mas o tatu-bola não respondeu. Assim que Ceci se aproximou, ele fez algo muito estranho. VUPT! Num piscar de olhos, ele encolheu-se, escondeu as patas e a cabeça, e transformou-se numa bola perfeita e fechada. Ceci parou, confusa. Ela cutucou a bola com o focinho. "Ei! Abra!", disse ela. "Por que você não quer brincar?"





A bola não se mexeu. Ceci sentiu uma pontada de tristeza no peito. Depois, a tristeza virou irritação. "Que bicho mal-educado!", resmungou para si mesma. "Ele não quer ser meu amigo. Que chato!" Deixou a frutinha cair no chão e foi embora, magoada, arrastando a cauda.



Ela encontrou a sua mãe a beber água num riacho ali perto. "Mamãe, eu conheci o bicho mais chato da floresta!", reclamou. "Eu fui super simpática, ofereci a minha frutinha e ele virou uma bola e não me respondeu!"



A Mamãe Quati olhou para a filha com os seus olhos sábios. "Filha, você já parou para pensar por que um tatu vira uma bola? Ele não virou uma bola para ser mal-educado com você, meu bem. Ele virou uma bola porque ficou com medo. O seu jeito rápido e a sua voz alta talvez o tenham assustado."





Aquilo foi como uma luz a acender-se na cabeça de Ceci. Ela voltou para o lugar onde tinha deixado a bola. Desta vez, ela caminhou devagar. Parou a uma distância segura. Com a sua voz mais suave, ela disse: "Oi, tatu... sou eu, a Ceci. Desculpe se eu te assustei. Deixei um presente para você." Ela colocou a frutinha vermelha numa folha grande, a meio caminho entre eles.





Depois, Ceci sentou-se, dobrou a sua cauda à sua volta e esperou, em silêncio. Passou um minuto. Depois outro. Devagarinho, muito devagarinho, uma pequena fenda abriu-se na bola. Um focinho pontudo apareceu, seguido por dois olhinhos brilhantes que olharam desconfiados para Ceci.





Lentamente, ele desenrolou-se por completo. Deu um passo tímido, pegou na fruta e deu uma pequena mordida. Depois, olhou para Ceci e deu o mais pequeno e tímido dos sorrisos. Ceci sorriu de volta. E Ceci descobriu que, para fazer um amigo, às vezes, o mais importante era parar, pensar com o coração do outro e, simplesmente, esperar.

